

Das mulheres à feminilidade: um percurso em Freud

Esther Maynart P. Mikowski

Forum Aracaju/EPFCL-Brasil

Núcleo Pós-Graduação em Psicologia Social -UFS

O que querem as mulheres? Perguntou Freud à princesa Marie Bonaparte em uma de suas cartas. Um dos autores de cartas publicadas mais notável, em importância e número, Sigmund Freud em muitas delas se pôs a refletir não apenas sobre as mulheres, mas também na sua relação com elas.

A resposta sobre a feminilidade parece ser o que buscam os psicanalistas desde então. Questões surgem a todo tempo sobre o que disse Freud e o que podemos entender a partir do referencial psicanalítico daquilo a que ele chamou de continente obscuro. Roudinesco (1998) no verbete sexualidade feminina lembra que até o século XIX estudos mostravam as mulheres como doentes e isso servia para o avanço do saber médico. Foi no entre guerras que elas se emanciparam no âmbito social, sexual, e religioso. Desde *Estudos sobre Histeria (1895)*, Freud junto com Breuer traz construções do trabalho de ambos com as histéricas e já está ali descrito o caráter sexual da etiologia das neuroses que vinham causar conversões no corpo daquelas mulheres. Coube a elas o surgimento da psicanálise. Ademais, a própria vida do pai da psicanálise se confunde com sua história. E sua relação com as mulheres são preciosas para entendê-lo. Em várias passagens sobre sua biografia, é possível encontrar referências a equiparação que ele fazia entre a psicanálise e a mulher como em uma carta a Stefan Zweig em 1938: “*A análise é como uma mulher que quer ser conquistada , mas sabe que será tida em baixa conta se não oferecer resistência*”.

Este trabalho pretendeu encontrar relações entre as experiências pessoais e clínicas de Freud com as mulheres e as construções a respeito da feminilidade, em especial ao final de sua obra no texto de 1933. Escolhemos a leitura de algumas cartas de Freud a mulheres estimadas como sua própria mulher, então noiva na ocasião, Martha Freud e a filósofa e psicanalista Lou Salomé. Muito embora tenha se proposto também revisar seus escritos sobre suas primeiras pacientes com Breuer não foi possível neste momento.

Considera-se aqui primordial o retorno ao momento histórico vivido por ele e nesse contexto suas relações pessoais e profissionais para entender as influências na escrita da sua obra, em especial no tocante à sexualidade e à feminilidade.

Comumente, justifica-se um aparente tom machista a obra de Freud dado o contexto burguês e conservador em que ele vivia. Trata-se do Leste Europeu do final do século XIX, na Áustria. Filho mais velho do casamento do seu pai Jacob e sua mãe Amália, tinha quatro irmãos homens, sendo 02 do primeiro casamento de seu pai e 05 mulheres. Jacob, um comerciante otimista, com poucos recursos financeiros foi o responsável por tornar Freud um judeu não praticante, diríamos. Embora circuncidado conforme preceito judaico, não guardava nem mesmo os sábados ou feriados como páscoa. O drama edípico que teria vivido ele na infância seriam determinantes na sua obra.

Faz-se importante considerar que na época vivida por Freud, já havia na Europa pequenos movimentos em prol das mulheres, as ditas feministas já se faziam causa. Entre outras reivindicações estava o voto pelas mulheres e a inclusão das mesmas nos bancos universitários.

Deste modo, conservador parece ser um termo mais apropriado para escreve-lo como se nota em passagens das cartas a Martha:

14 de agosto de 1882 – *“Daqui em diante você é apenas uma hóspede na sua família, como uma joia que empenhei e vou resgatar logo que ficar rico...o amor de ninguém se compara com o meu”.*

25 de setembro de 1882 – *“ Você sabe que, do momento em que fizemos nossa aliança, ambos tivemos que mudar até certo ponto a fim de tornar-nos um para o outro o que desejamos ser”.*

Através das cartas se faz notar que Freud a tomou como objeto amoroso, não apenas na passagem literal de sua carta de 19 de junho de 1882 sobre uma fotografia de Marta: “quanto mais a contemplo, mais ela se assemelha ao objeto amado”, mas também suas referências a ela em terceira pessoa, seu ciúme possessivo como quando Martha recusara inicialmente em terminar a amizade com Sr. Fritz Wahle na carta de 25 de setembro de 1882

- “A única coisa que desejo é continuar a sentir e fazê-la sentir que nos amamos(...)”. Continua: “ Da minha parte espero consegui-lo. Houve uma situação que não foi inteiramente justa comigo e me ofendeu profundamente: foi quando se recusou a terminar sua “amizade” com Fritz ou por Fritz Wahle por minha causa. Eu tive paciência e você finalmente me fez justiça”.

Aliás, faz-se importante notar seu caráter piegas, aqui o uso do termo foi por não encontrar outro que denomine-o melhor naquela ocasião do noivado. Um homem excessivamente romântico, ciumento, possessivo para com essa mulher que parece um objeto inalcançável - como todo objeto amoroso. Um apontamento importante sobre este Freud ao mesmo tempo distante teoricamente das mulheres e também totalmente envolvido por elas.

Lou Andreas-Salome, nascida em 1861 em São Petesburgo, autora de diversos livros que mais pareciam autobiografia de cada momento da sua vida. Suas famosas heroínas eram como exemplos de nova mulher: Ruth, nega casamento e carne por uma vida espiritual, Fenitscha, que acredita que a paixão deve ser livre, Ma que prefere a solidão às armadilhas do amor. Já em *O erotismo*, de 1910, o olhar decididamente feminino parece ter lugar. Nesta obra, considera que para a mulher , o sexual e o espiritual são um só e vê na paixão erótica o psiquismo e o espiritual surgindo do corpóreo e material.

Para Roudinesco (1998), ela era uma figura emblemática da feminilidade narcísica para quem o amor intelectual, fundado em absoluta fidelidade, era capaz de resistir ao tempo. Teria sido o fato de compartilhar do narcisismo de Nietzsche e o culto ao *eu* característico do final do século XIX que preparou seu encontro com a psicanálise. O que lhe interessava quando deste encontro eram questões sobre a diferença sexual e natureza da sexualidade, assim como a paixão sexual.

Antes de seguir para Viena, ela teria vivido uma relação triangular descrita pela mesma como fraternal com Friedrich Nietzsche e Paul Rée. Para ela, o que poderiam produzir estudando, discutindo e sobretudo vivendo juntos era superior a qualquer relacionamento de cunho sexual. Ambos apaixonados por ela, tal relação se pôs fim e ela escolheu Rée para viver, embora admirasse profundamente Nietzsche. Este passou alguns anos mal dizendo o casal.

As cartas trocadas entre Freud e Lou Salomé formam uma das maiores correspondências literárias do século XX como consideram Appignanesi e Forrester (2011) autores de *As mulheres de Freud*. Lou Salomé chegou a Viena em 1912 quando passou a frequentar as reuniões das Quartas-feiras da Sociedade Psicanalítica de Viena, mas teria conhecido Freud um ano antes no Congresso Psicanalítico de Weimar, muito embora há detalhes da vida pessoal dela anterior a isso que ele tinha conhecimento indiquem que talvez já se conhecessem. Ela já conhecia sua obra desde 1885. Depois tal encontro, Lou Salomé o escreveu dizendo:” *Estou absorvida quanto mais penetro no assunto. Estou prestes a realizar agora o meu desejo de passar alguns meses em Viena. E o senhor permitirá que eu me aproxime de si, que assista suas conferências e, ainda, que seja admitida nas Noites de Quartas-Feiras?*. Já Freud disse: sua beleza era igualada, senão superada, pela vivacidade do seu espírito, pela sua alegria de viver, sua inteligência e sua calorosa humanidade (ROUDINESCO, ... , APPIGNANESI &FORRESTER, 2011). E ainda que “ *era destituídas de todas as fraquezas femininas e talvez a maioria das fraquezas humanas*”.

Uma observação importante é refletir sobre quais fraquezas ele se referia em relação a ela. Que ele lhe dava um lugar outro enquanto mulher excepcionalmente diferente de sua teoria, pois Lou era determinada, ativa, recusou a maternidade, vivia rodeada por homens apaixonados indo de encontro com qualquer norma social então vigente, e em contrapartida, ela tinha traços, reconhecidos por ele inclusive, notadamente ditos femininos como beleza e delicadeza. Freud a reconhecia como mulher, isso é o mais importante ao se considerar, ou seja, havia uma outra possibilidade para a mulher, não apenas para Lou, porém em sua teoria, pois ela era sem dúvida muito diferente daquilo que ele pôde escrever. Quem seria a mulher descrita em seus escritos. Longe de nomeá-la, o que perguntamos é se é do equivoco

As cartas se seguiram com numerosos pedidos, como a leitura de manuscritos possuídos por Freud como o de Rank ou cartas como a Bjerre, bem como longos comentários a respeito de suas obras, em que destacamos o Narcisismo de 1914. Sobre esta obra, Roudinesco (1998) afirma que era nela que Freud pensava quando descreveu que traços particulares dessas mulheres muito belas, denominadas

por ele como narcísicas, que se assemelham a grandes animais solitários mergulhados na contemplação de si mesmos¹.

Outro ponto desta obra que podemos pensar como influência da recente amizade com Lou Salome é quando fala que a terceira via para estudo do narcisismo é a observação da vida erótica dos seres humanos com suas várias espécies de diferenciação no homem e na mulher. Já indica uma marca da diferença sexual que posteriormente vai tentar elucidar – interesse que é marca de Lou Salomé.

Ainda a respeito das mulheres narcísicas – tal qual Lou Salomé, cabe aqui uma citação em continuidade a essa discussão:

“Talvez não seja supérfluo garantir que esse quadro da vida amorosa feminina não implica nenhuma tendência a depreciar a mulher. Sem contar que a tendenciosidade me é alheia, sei também que esses desenvolvimentos em direções várias correspondem à diferenciação de funções num contexto biológico altamente complicado além disso, disponho-me a admitir que muitas mulheres amam segundo modelo masculino e exibem a superestimação sexual própria desse tipo”.

Assim, podemos refletir sobre a influência da experiência subjetiva do homem Freud com as mulheres em suas elaborações, para não dizer teoria, sobre a feminilidade. quanto esta experiência determina ou não, entra em conflito ou não, com o que se coloca como saída do edipo pela mulher. Aliás sua nomeação como um continente obscuro já parece nos dar pistas disso.

Um encanto desmistificador...de um romântico possessivo e piegas quando jovem e noivo de Martha a um voraz apaixonado por Lou Salomé. A despeito das fofocas, ainda que não tenham sido amantes carnisais, amantes intelectuais, com certeza, profundamente apaixonados. Sem dúvida, a *femme fatale* da Europa do final do Século 19 e começo do 20 foi mais importante para a psicanálise do que podemos pensar. Por

¹ Na Tradução da companhia das letras, está escrito um paralelo entre as mulheres narcísicas e os gatos e os grandes animais de rapina, já na Imago grandes animais carniceiros, de qualquer modo Freud pretendia se referir a animais solitários e que contemplam a si. Ademais, Lou Salome sobre o texto narcisismo lhe escreve uma carta em que final ela faz uma provocação: comprou um gato? Ela lhe avisara que comprou um cachorro. Em resposta, ele diz: “ *não adquiri cachorro ou gato. Tenho bastante mulheres pela casa assim como está.*”

fim, abrem-se alguns caminhos para seguir este trabalho que foi considerado como um preâmbulo de um pesquisa de Mestrado².

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIGNANESI, Lisa, FORRESTER, John. **As mulheres de Freud**. Rio de Janeiro: Record, 2ed, 2011.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria** [1895]. In In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, S. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo [1914]. In: _____. *Obras Completas*. Trad. de Paulo César de Souza. Vol. 12. Rio de Janeiro. Companhia das Letras, 2010.

_____, S. A feminilidade [1933]. In: _____. *Obras Completas*. Trad. de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro. Companhia das Letras, 2010, v. 18.

FREUD, S., e ANDREÁS SALOMÉ, L., **Correspondência Completa**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

FREUD, S. **Correspondência de amor e outras cartas** (1873-1939), edição preparada por Ernest L. Freud. Tradução de Agenor Soares dos Santos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

GAY, Peter, **Uma vida para nosso tempo**. Companhia das Letras, 2 ed. 2012.

ROUDINESCO, E., & PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

² Autora pós-graduanda do Programa de Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe.